

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 26 de março de 2014**

Texto de referência: L. Giussani, “Diante da pretensão”, em Na Origem da Pretensão Cristã, Ed. Cia Ilimitada, São Paulo 2012, pp. 147-158.

- *Il monologo di Giuda*
- *Quando uno ha il cuore buono*

Glória

Carrón: Tínhamos dado como texto de trabalho o capítulo nono de *Na Origem da Pretensão Cristã*, com o qual o livro termina. Depois, trabalharemos sobre os Exercícios da Fraternidade que acontecerão proximamente. Mas juntos, terminamos o último encontro propondo também um texto, que foi publicado em *Passos*, a Página Um, onde se tenta dar uma contribuição para entendermos o que está acontecendo na sociedade e para começarmos a ter um início de juízo. Então, vamos começar.

Colocação: *Fiquei muito tocada com o oitavo capítulo e, em particular, com a Página Um, que iluminou, de maneira nova para mim, um aspecto do meu trabalho sobre o qual nunca tinha pensado e que, no entanto, é o dado cultural mais impressionante dessa geração de jovens com quem trabalho todas as manhãs. Porque muito mais e muito antes das análises morais que são feitas sobre os jovens de hoje, o problema daqueles com quem me deparo na escola é que eles odeiam Leopardi. Se eu precisasse dizer qual é a característica dessa geração, diria que é o ódio a Leopardi, tanto que já faz anos – é impressionante como a realidade sempre nos dá sinais e nós não percebemos – que quando começo as aulas das turmas do quarto ano do ensino médio, no primeiro dia de aula alguém sempre levanta a mão e diz: “Professora, é verdade que este ano estudaremos Leopardi? Nós não queremos estudá-lo”. Este ano, não só por causa de uma história que tive com essa turma do quarto ano, mas sobretudo pelas coisas que você nos disse, pelo modo como mostrou o oitavo capítulo como juízo sobre a realidade que vivemos, ficou evidente para mim essa hostilidade e decidi enfrentá-la. Na semana passada, fiquei impressionada porque desafiei a minha turma do quarto ano. Eu precisava começar a explicar sobre Leopardi; os meninos não queriam, começaram a fazer um tumulto e, então, eu disse: “Olhem, deixem-me falar, vou ler uma poesia para vocês. Depois que eu terminar, quero fazer uma pergunta”. Li o Canto Noturno de um Pastor Errante da Ásia. Eles ficaram quietos e ouviram. No fim, eu disse: “Agora me digam por que vocês não gostam”. O primeiro que falou, disse: “Eu não gostava até uma hora atrás, porque sempre enfatizaram a resposta de Leopardi e, essa, eu odeio, mas ninguém nunca tinha focado na pergunta que ele coloca, porque é a que eu tenho”. Ali, entendi que odeiam Leopardi porque ele sempre foi apresentado como o poeta do pessimismo, do niilismo, enquanto, como dizia Giussani, Leopardi está na pergunta que coloca, não na negação. Então, eu disse: “De fato, aquilo que Leopardi coloca é “a” questão, depois, a pessoa pode escolher evitar essa pergunta; pode, como Leopardi, dar uma resposta que vocês odeiam, ou então pode, como aconteceu comigo, ter a graça de encontrar algo que responde de verdade”. Nesse momento, um aluno tomou a palavra e disse: “Professora, mas eu não quero uma resposta, porque eu quero que a vida continue misteriosa, não quero que ninguém me tire o mistério. De manhã, não quero saber como o dia irá terminar”. A partir daí começou um diálogo belíssimo que eu não vou relatar aqui. Depois da aula, falando com alguns adultos sobre questões éticas, não pude deixar de contar sobre a conversa que tinha tido com os meninos porque era como se, de repente, tivesse entendido que aquilo que nos caracteriza, é que o Movimento nasceu com Leopardi, desse diálogo com Leopardi. Se não reconhecemos isso, nós aceitamos falar, por exemplo, sobre todas as questões éticas num campo falso, e podemos dar respostas opostas às dos outros, mas no fundo iguais, igualmente ideológicas.*

Carrón: E o que isso tem a ver com a Página Um?

Colocação: *Que não é possível tratar um tumor com Aspirina.*

Carrón: Parece muito significativo aquilo que você está contando, porque é a documentação – e aqui se vê um exemplo do que diz a Página Um – de como o poder reduz o desejo, isto é, a natureza do eu, a natureza da pergunta humana e, portanto, não intercepta a pergunta que os jovens têm, oferecendo-lhes respostas que, depois, como partem da pergunta já reduzida de muitos adultos, não servem, não correspondem; e, então, eles se rebelam contra a resposta. É por isso – dissemos – que o capítulo oitavo é precioso, porque coloca a pergunta, de novo. Dom Giussani coloca a pergunta de Jesus: “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?”. E diz que sem levar a sério essa pergunta, a pessoa “bloqueia as experiências humanas mais significativas”. E quando a pergunta humana mais significativa é recolocada, o que acontece? Começamos a interceptar novamente a necessidade do homem. É este o ponto de partida da Página Um, porque a vida nos provoca, provoca uma professora enquanto dá aulas, provoca todos na atual discussão sobre os valores e sobre os novos direitos. Provoca-nos. Mas antes de ser uma questão de ética, é uma questão de conhecimento, isto é, do que estamos falando e de qual é a natureza própria do eu. Estou contente porque esta manhã eu falei sobre Leopardi na Universidade Católica e relatei essa questão – sem saber que você faria essa colocação – com os novos direitos: porque quando a pessoa reduz o que Leopardi diz (e o capítulo quinto de *O Senso Religioso* está repleto de Leopardi), então, busca uma resposta nas próprias tentativas. E eu dizia a eles: “Vocês acham que alguém que entende a natureza da pergunta humana pode resolver a questão, por exemplo, mudando de sexo (com a dificuldade e a dor que isso comporta)? Vocês acham que legitimar essa escolha resolve o problema?”. Seria preciso entender o alcance do problema: que aquilo que buscamos nos prazeres é o infinito. E ninguém se contentará com menos do que este infinito – dizia Pavese –, porque o que buscamos em tudo, inclusive através dessas modalidades, é o infinito. Todas as lutas em favor dos novos direitos são uma redução desse desejo, porque quando sentimos uma insatisfação buscamos – como você dizia – ou evitar a pergunta ou dar uma resposta equivocada. Porque a pessoa não se atém à natureza da provocação da realidade! Somente se a pessoa entende a natureza da pergunta, percebe que a resposta que dá é como uma Aspirina para o tumor. Mas, se não compreendemos isso, não entendemos nem mesmo – como dissemos na Página Um – porque Dom Giussani, ao invés de lutar pelos valores (o que não significa que não desejasse que as pessoas vivessem segundo certas modalidades que Cristo introduziu na história e na vida, que se traduzem também em certos valores), se dedicou a despertar a totalidade do desejo. Sua luta contra o poder não foi por causa de certas coisas, mas por causa da redução do desejo. E este não é um problema dos outros, mas é um problema nosso quando respondemos aos outros aceitando ficar no mesmo campo do jogo; isto é, quando a nossa resposta ao invés de ser uma presença original é uma presença reativa que aceita o ponto de partida reduzido da natureza do eu. E a disputa de uma posição contra outra não consegue fazer mudar de ideia a um rapaz que pensa uma coisa de Leopardi e depois de uma hora, pensa outra só porque aconteceu algo que escancarou sua capacidade de entender. Por isso, Dom Giussani não é condescendente com uma redução da resposta! Como diz no fim do capítulo oito: “Cristo veio chamar o homem para a verdadeira *religiosidade* [se alguém tem alguma pergunta sobre o que é a verdadeira religiosidade, releia o capítulo quinto de *O Senso Religioso*, onde Dom Giussani explica a natureza da religiosidade com todas as perguntas inextirpáveis, a desproporção estrutural, a tristeza, o tédio, a solidão como expressão da natureza dessa religiosidade; porque Cristo veio chamar à verdadeira religiosidade, quer dizer, não reduzida a moralismo ou a devoção ou a ética ou a sentimento], sem a qual [atenção!] toda pretensão de solução é mentira” (p.145), de um lado e de outro. É mentira! Sem que se desperte o desejo não é possível responder, porque para responder à verdadeira natureza do desejo é necessário algo mais do que a ideologia, qualquer que seja ela. Por isso, quando muitas vezes se diz: “Sobre tal tema não é possível dar um juízo”, quer dizer que para nós a Escola de Comunidade não é um juízo, que o capítulo oitavo da Escola de Comunidade não é um juízo sobre a realidade, mas é simplesmente o motivo para vir aqui de vez em quando para fazer comentários sobre o texto, espirituais ou sentimentais. Portanto, o carisma não é o critério, o modo com o qual eu me coloco na realidade, que me ajuda, antes de tudo, a não reduzir a mim mesmo. Mas é

exatamente isso que documenta a presença de Cristo! Vê-se quem é Cristo exatamente pelo fato de que dois mil anos depois d'Ele há alguém – alguém, seu nome é Luigi Giussani! – que escreve este capítulo, que é a coisa mais contrária à mentalidade dominante que pode existir, qualquer que seja ela. Mas para alguns, isso é espiritualismo abstrato e não incidente e, portanto, depois, é preciso fazer outra coisa quando, na realidade, bastaria entender isso para que nos colocássemos diante de todos os diálogos que devemos ter sobre diversas questões com uma verdadeira autoconsciência. Porque o problema é que, em muitas ocasiões, apesar de tudo, nós partimos da mesma redução da qual acusamos os outros! E isso em um Movimento como o nosso onde, se tivemos alguma graça, foi a de alguém que sempre nos falou do desejo de Leopardi como emblema da verdadeira religiosidade, isto é, como emblema não pela resposta que dá, mas pela totalidade da pergunta que coloca, porque a religiosidade coincide com certas perguntas – diz o capítulo quinto de *O Senso Religioso* – que são absolutamente únicas enquanto totais e inextirpáveis, e pedem uma resposta total, não a Aspirina: resposta total à totalidade da pergunta! Cada um, se quer realmente seguir o carisma, precisa olhar como está enfrentando todas essas circunstâncias comparando-se com o texto dos capítulos oitavo e nono. Porque a resistência que vemos, mesmo entre tantos de nós, revela que no fundo não precisamos de Cristo, porque Cristo seria abstrato, porque o essencial seria abstrato, para usar uma palavra em voga. E então, o que acontece? Precisamos fazer e preencher a vida com outras coisas. O que pode ser muito bom, mas se não carrega o que dissemos, “toda pretensão de solução é mentira”.

Colocação: *Tenho uma pergunta que ainda é sobre o capítulo oito, sobre o ponto três, quando ele fala da liberdade. A um certo ponto, Giussani descreve a possibilidade de escolha que temos diante da realidade e fala também da tentação e de “realidades que parecem psicologicamente mais atraentes à consciência livre do que outras ontologicamente mais próximas à finalidade”. Então, a minha pergunta é esta: como é possível reconhecer aquilo pelo qual fomos feitos, isto é, escolher e decidir por aquilo que realmente nos realiza sem nos confundirmos com aquelas realidades que se mostram psicologicamente mais atraentes? Porque Giussani diz que “a liberdade é a capacidade que o ser consciente tem de realizar completamente a si mesmo” (p. 144). Agora, eu me dou conta de que desejo realizar a mim mesma, mas me parece que sempre, ou pelo menos muito frequentemente, não sei distinguir o que é bom, quer dizer, onde está o verdadeiro e o que é, ao contrário, tentação. Acho que o caminho para fazer uma escolha é uma atração e não creio que isso seja totalmente errado, porém, vejo que é um critério muito confuso e muito instável, porque normalmente não me leva a uma liberdade, mas a ficar aprisionada, não livre, qualquer que seja, depois, a escolha que eu faça.*

Carrón: Está vendo? Esse é um exemplo da mesma questão. O que é a liberdade – Giussani sempre nos disse –? Quando somos livres? Quando podemos realizar um desejo. Qual é a natureza do desejo humano? O que estamos dizendo, é: a liberdade é a capacidade de satisfação do desejo, somos livres quando realizamos esse desejo. Mas nós, como todos os homens, vivemos uma luta com coisas psicologicamente mais atraentes que parecem mais verdadeiras do que as que são verdadeiras. E, então, fica evidente mais uma vez que mesmo aqueles que erram não têm uma natureza diferente da nossa. Os que escolhem e propõem modalidades diferentes têm o mesmo desejo. Todos queremos ser livres, queremos alcançar uma realização, uma satisfação. E para eles, parece que essa satisfação pode ser alcançada através de um certo caminho que aos seus olhos parece psicologicamente mais atraente. Então, a questão é: eles têm a nossa mesma pergunta e nós erramos tanto quanto eles, porque não somos diferentes. Essa consciência já nos colocaria na condição de poder realmente entender os outros e dialogar com todos, e de não reduzir a luta humana a ideologia. Você diz: uma coisa é o bem e outra, a tentação. Então, muitas vezes nos parece que o critério seja confuso ou instável. Não, o critério não é confuso! É preciso aprender a usá-lo! O critério não é confuso, o critério é objetivo e infalível! Você não decide, caríssima, quando a sua vida vai se realizar. Tanto é verdade que quando você erra, por exemplo, porque escolhe uma modalidade inadequada para o próprio cumprimento e consegue realizá-lo, depois, o critério julga. Você percebe que não está satisfeita, e isso demonstra que o critério não é confuso e

instável, o critério existe e não é manipulável, nem mesmo por nós. A questão é que muitas vezes só nos damos conta disso muito tarde, quando... Todos se lembram do exemplo de Giussani sobre uma festa com seus jovens: todos estavam dançando. Quem poderia imaginar como terminaria? Nenhum dos rapazes. Eles estavam tão atraídos por aquilo que estava acontecendo que com certeza não pensavam que, quando fossem dormir, sentiriam uma amargura ou uma certa desilusão, embora tudo tenha corrido muito bem. Por quê? Porque faltava aquela educação que ensina a distinguir o bom daquilo que parecia psicologicamente mais atraente. Quem já tinha sido educado, como Dom Giussani, quem já era maduro e já tinha feito um caminho humano e tinha aprendido a julgar, sabia que aquele modo de festejar não realizava. Então, parou o baile e disse isso a eles, antes que acontecesse. Nós, na maioria das vezes, nos damos conta tarde demais e depois dizemos que o critério é instável, confuso. Não, o critério não é instável ou confuso! O problema é que – primeiro conselho de Giussani no primeiro capítulo de *O Senso Religioso!* – o juízo é o início da libertação. Julgar é o início da libertação porque só se alguém começa a julgar pode começar a distinguir o bom da aparência e, então, pouco a pouco, vê a diferença entre o contragolpe sentimental e a correspondência. Para nós, entre o contragolpe sentimental e a correspondência há quase uma total identidade, mas ao contrário, são radicalmente diferentes. Não que a correspondência não carregue um contragolpe sentimental (porque tudo tem um contragolpe sentimental ou uma atração), mas é muito mais, porque é aquilo que corresponde às exigências do coração. Quando alguém fez um caminho e, portanto, é maduro porque aprendeu a submeter a razão à experiência, então, pouco a pouco, começa a não se deixar confundir. Quando você estudava matemática, a fórmula era válida, mas você ainda não tinha bastante familiaridade com aquele tipo de problema para não errar quando a aplicava. O critério não é confuso, é válido e verdadeiro. É confusa a aplicação. É preciso aprender para não errar, depois, na aplicação. Quando alguém submete constantemente a razão à experiência, aprende, mas depois é preciso tomar uma decisão: uma vez dito isto, é preciso se ater à experiência, àquilo que se evidenciou com clareza na experiência. Por isso, não interessa tanto se alguém erra ou não, é preciso aprender também com o erro. Muitas vezes aprendemos coisas impressionantes exatamente através dos erros! O problema não é errar, mas aprender e, portanto, que possa evidenciar-se com mais clareza uma capacidade de juízo que não me aprisione em uma solução que é parcial. Depois, há um indício – se ainda faltasse em nós a plena consciência disso – que é objetivo: o Mistério tornou-se carne e nos revelou o que é a verdade, a verdadeira humanidade. Se uma pessoa, por alguma razão, não consegue ainda identificá-lo na experiência, há uma indicação, não para se poupar da experiência, mas como caminho num momento de confusão: aqui alguma coisa não encaixa, a Igreja me diz outra coisa, Jesus me diz outra coisa. Então, não é que simplesmente me submeto a isso prescindindo do desejo de entender, mas vou até o fundo da questão, porque Jesus e a Igreja não querem me enganar. Sobre isso, recebi uma pergunta: “Antes de mais nada, obrigado por nos propor o trabalho sobre a Página Um de *Passos* porque isso me obriga todos os dias a fazer uma verificação. E, para mim, ter a vida provocada é sempre uma graça porque me dá a possibilidade de entender cada vez mais. Por exemplo, dei-me conta de que, antes de tudo, Jesus desperta em mim o desejo, quer dizer, faz com que eu volte a desejar tudo, uma coisa que para mim não é óbvia, ao contrário, normalmente não desejo mais nada [vejam que o problema que todos nós temos é essa diminuição do desejo e, por isso, nós temos dificuldade, depois, de julgar, porque eliminando o desejo, é eliminada também a capacidade de juízo]. Digo isso, porque na Escola de Comunidade foi feita a seguinte pergunta: diante dos ataques do mundo, o que nós defenderemos? E eu fiquei paralisada, porque não tinha uma resposta que exprimisse tudo de mim, tudo o que sou, a ponto de defendê-lo com unhas e dentes. E eu realmente preciso partir da experiência daquilo que desperta a minha pessoa, senão ou eu invento um Jesus ou não O conheço mais e, no fim, me decepciono [como vimos]. Pergunto, como um pedido de ajuda: você pode nos dar um exemplo de como você mantém presente todos os fatores do capítulo oitavo no enfrentamento dos desafios da sua vida?”. Simplesmente levando-o a sério. É simples. Não reduzindo o capítulo oitavo – assim como outros textos da Escola de Comunidade – a espiritualismo, a moralismo, a instruções de uso. Ali, Dom Giussani está nos falando sobre a verdade da vida, sobre a concepção que Jesus tem da vida, o olhar que Jesus tem sobre o homem

que nos torna conscientes de tudo aquilo que somos. Por isso, se nós seguimos, participando, o método que Dom Giussani nos propõe sempre, isto é, fazendo verificação na experiência, nós, a um certo ponto, nos surpreendemos tendo presentes os fatores, cada vez mais fatores porque, como ele diz no início do capítulo, é fruto de uma educação essa genialidade humana que nos é pedida para entender a verdade, no fundo para distinguir, porque toda a premissa daquele capítulo é para poder identificar um homem entre tantos homens, “o” homem. O que Giussani propõe? Um tipo de educação, uma genialidade humana composta pela natureza, por certos fatores e por um tipo de educação. Somente participando dessa educação, nós podemos começar a ter todos os fatores presentes, sem reduzi-los. Fiquei impressionado como, no sábado, durante uma assembleia com os universitários, um jovem sintetizou a questão: “Ninguém nos informou sobre essas questões”. Alguém que diz isso depois de ter lido o capítulo oito de *Na Origem da Pretensão Cristã*, admite que o capítulo não fornece “informações” sobre a natureza do homem nem um juízo em relação aos desafios do presente e, portanto, deve procurá-las em outro lugar. Entendem? Podem até nos deixar fazer Escola de Comunidade; qual o problema se depois pensamos como todos, buscamos as informações em outro lugar e o critério de juízo nos é dado pelos outros? O critério de juízo para julgar o que estamos vivendo é o Fato que nos aconteceu? O Fato que nos aconteceu carrega o juízo sobre tudo ou devemos buscá-lo em outro lugar? Se é necessário buscar o juízo em outro lugar, por que vale a pena continuar sendo cristãos? Por isso, não é uma questão secundária, é radical, radical! Sem isso, sem responder a isso, falta a razoabilidade da fé, faltam à fé as razões pelas quais vale a pena, de outro modo, o cristianismo será uma entre as tantas coisas no pantheon da religiosidade moderna, onde tudo é aceito, porque no fundo nós não temos um critério de juízo sobre tudo o que nasce daquilo que nos aconteceu; não para impô-lo a alguém, ao contrário, e por isso, podemos dialogar com todos.

Colocação: *A pergunta ainda é sobre o capítulo oitavo, ponto cinco. Queria perguntar qual é a diferença entre serviço como senso de dever e serviço como dom de si, porque a minha experiência cotidiana é que diante de todas as solicitações do dia, dos filhos, do marido, do trabalho, as mil coisas a fazer e de que se lembrar, eu tenho o ímpeto e me sinto no dever de responder a tudo e de fazer as coisas de modo correto e bem. Mas, aos poucos, com o cansaço e tudo o mais, isso me sufoca. Então, o meu senso de dever - que como boa esposa e boa mãe me obrigaria a responder a quem tenho diante de mim - me angustia e faz com que eu me sinta culpada pela minha inadequação, por eu não ter feito aquilo que deveria e da maneira certa. Porém, lendo esse capítulo entendi bem como Cristo veio para mudar esse modo de servir o todo, para me mostrar a verdade, o significado e a profunda conveniência humana, para ser caminho e possibilidade de ter o cêntuplo na vida cotidiana, e isso é uma coisa que me interessa. Então, vi que há um consumir-se que leva à paz e um consumir-se que leva exatamente ao oposto, à angústia. No que é que são diferentes? Eu intuo que o senso de dever é responder a tudo de modo moralista, enquanto o dom de si é responder a tudo dentro de um relacionamento real, concreto, com Cristo. Porém, gostaria de entender isso melhor, porque para mim seria um delito pensar em colar uma etiqueta “por Cristo” naquilo que devo fazer; eu não aguentaria nem uma tarde! Queria que você me contasse quando se sentiu em uma armadilha, sufocado pelos seus muitos afazeres e responsabilidades, na direção do Movimento ou, antes, na Espanha, o que aconteceu, qual foi o ponto de virada para que você passasse a viver de maneira diferente, com a consciência de que a vida humana é um consumir-se por algo e não, ao contrário, um senso de dever?*

Carrón: Obrigado, porque essa pergunta, como vocês veem, é outra modalidade de fazer a mesma pergunta: se, perante as provocações da realidade que temos que enfrentar, respondemos de maneira moralista ou como dom de si, ou seja, em relação com alguém, com Cristo. Mas, o que quer dizer em relação com Cristo? Quer dizer que eu vivo cada circunstância como possibilidade de me escancarar a ela, ou seja, de me escancarar àquilo através do qual o Mistério me alcança, em vez de fechar o assunto de maneira moralista. O dom de si nos convém, e a pessoa entende muito bem quando faz as coisas porque ama a pessoa com quem se casou ou quando faz apenas por causa de um dever de esposa. Como percebemos? Quando você começa a pensar nas tarefas como um dever,

porque, desde o início as tarefas sempre foram as mesmas, mas no início tudo era visto como a possibilidade de um relacionamento e como possibilidade de dizer à pessoa amada: o meu amor chega até a esses detalhes. Era o contrário do moralismo. Em que se vê a diferença? Na redução que nós fazemos da realidade, se para nós a circunstância é simplesmente algo a ser suportado ou uma obrigação moralista, ou se a circunstância é uma ocasião para entrar em relacionamento. Para mim, essa foi uma virada decisiva, porque muitas vezes acontecia comigo aquilo que você disse. Porém, quando encontrei o Movimento comecei a viver essas circunstâncias como a possibilidade de um diálogo com Cristo, como você diz, como a possibilidade que me é oferecida agora de dizer “sim” livremente, como se nascesse agora, como você poderia desejar dizer à pessoa que ama ou aos seus filhos. É isso o que muda, não porque muda a dificuldade daquilo que devo fazer: muda a natureza daquilo que faço, porque a natureza daquilo que faço, ou é só dever moralista, ou é a oportunidade oferecida a mim agora de dizer “sim” livremente a um Outro. E isso faz a diferença. Se é dever moralista, cedo ou tarde sufocamos, porque procurar a satisfação só num dever entendido de modo moralista, sufoca; enquanto escancarar toda a plenitude da pergunta, toda a amplitude do desejo, todo o mistério da realidade, faz respirar, faz respirar! Se, ao contrário, como muitas vezes acontece nas discussões sobre os novos direitos, alguém é obstinado e pensa que isso vai resolver a questão, no fim, sufoca. Tudo é da mesma natureza. Por quê? Porque nada desafia mais a nossa mentalidade do que aquilo de que fala o capítulo inteiro: a dependência, quer dizer, que eu, para me realizar, preciso entrar em relacionamento, preciso entrar em relacionamento verdadeiro, porque a minha felicidade depende desse relacionamento. Esta relação não é secundária, não é aleatória, não é supérflua, mas é crucial, devido à natureza do eu, porque o eu é relação; e se uma pessoa não vive as coisas, cada coisa dentro desta relação, sufoca. Mas se cada realidade, cada circunstância for vivida como a possibilidade de uma relação, escancara-se. E se você começa a dar-se conta de que através disso o Mistério lhe desperta constantemente e lhe chama a responder, nem sempre tudo é agradável, mas lhe dá um novo ímpeto. Se você não percebe todos esses desafios, como aquele que estamos vivendo agora, como ocasião de tomada de consciência de si, do despertar de si, não percebe a conveniência humana, não vê mais o cêntuplo. Porque eu não seria eu mesmo, do jeito que sou, se não tivesse respondido a todas as provocações sem eliminá-las ou se as tivesse vivido de modo moralista, me lamentado. Não: torno-me eu mesmo aceitando qualquer que seja o desafio, porque se o Senhor o permite, o consente, significa que é algo para mim.

Colocação: *No capítulo nove, me parece central quando ele diz que “o mistério da Encarnação estabelece o método que Deus considerou oportuno usar para ajudar o homem a chegar até Ele”, e diz que responde “à natureza do homem, que é repleta de exigência de sensibilidade” e “à dignidade da liberdade humana, uma vez que Deus a assume como colaboradora da Sua obra” (p. 152). Que este método corresponda à natureza do homem que tem a exigência de concretude, de algo físico, eu entendo, porque não é suficiente para mim a ideia de que Deus me ama, preciso vê-lo agora, assim como com meu marido não é suficiente saber que ele me ama, mas preciso da sua presença ou de sinais que remetam ao seu amor. Porém, a segunda parte, sobre a colaboração em sua obra, o fato de que Deus precisa de mim e da minha liberdade colaboradora da sua obra, é um ponto que gostaria de entender melhor (um pouco, você já respondeu antes), porque esse colaborar é positivo e, portanto, pressupõe um gosto em fazer as coisas. Um amigo querido me dizia que esse gosto significa reconhecer que não seríamos verdadeiramente nós mesmos sem o relacionamento com esse Outro, e a dependência vivida desse modo nos leva a fazer experiência de liberdade e, portanto, somos livres em todas as coisas que nos acontecem, não nos submetemos a elas. Então, eu tenho essa dificuldade nesse momento, porque a tentação é de viver a dependência de modo passivo: tenho certeza de que dependo e tenho certeza de que tudo o que me acontece vem d’Ele, porém...*

Carrón: Como se liga a primeira parte da pergunta com a segunda? Porque, digamos assim: de um lado, temos necessidade de vê-Lo agora, como você vê os gestos do seu marido, mas Cristo, presente aqui e agora, você O vê na realidade. E isso a ajuda a entender mais, sustenta você nessa sua colaboração sobre a qual pergunta? Porque toda a questão está aqui. Ver os sinais de afeição do

seu marido ajuda você e a sustenta na colaboração, naquilo que você precisa fazer. O mesmo acontece aqui. O problema é que nós temos dificuldade, fazendo a comparação com o marido, porque no fundo, não vemos Cristo e, então, o que é o cristianismo? No fim, a que é reduzido? A ética, a algo que devo fazer, não àquela companhia que eu toco constantemente na realidade, que vejo acontecer. Digam-me se, lendo este capítulo, com todas as coisas que estamos dizendo, Cristo não está presente! Nem mesmo lendo o capítulo, nos damos conta disso. Que alguém tenha escrito isso, que muitas pessoas comecem a entender isso, não é o sinal da presença de Cristo? Porque senão já estaremos altamente reduzidos! Mas, continuamente nós temos muitos desses sinais. Não é que Cristo, como pensa a maioria, tenha vindo, tenha dito o que devemos fazer, tenha ido embora e volte no fim do mundo, e carnalmente o que fica é só o marido! Não, não, não. Esse é o modo como costumamos pensar. Não, não! O nosso problema, como podem ver, é o da premissa: que não interceptamos a resposta, como não a interceptamos durante todo o capítulo oito. Porque quando eu repetia a pergunta: “Quem é Jesus? Vocês o reconheceram? Este capítulo ajudou a reconhecer Jesus?”, como nós não nos colocamos essa pergunta por que não somos capazes de reconhecê-Lo, é muito mais fácil ler todo o capítulo em sentido moralista porque estamos acostumados. Somos quase todos kantianos, porque o cristianismo do qual falamos é Kant, e isto é fácil para nós. A redução que fazemos testemunha a nossa dificuldade. Redução quer dizer que eu não consigo ver aquilo que existe. E esse é o nosso problema. E assim, se não o vemos no capítulo, que é um festival da Sua presença, imaginem na realidade que está cheia de sinais. O que é preciso para que você intercepte os sinais do seu marido? Essa abertura, essa simplicidade, essa capacidade de estar diante dos muitos modos em que são ultrapassados os limites da natureza humana. Outros, nem sequer veem isso. O problema não é que os sinais não existem, é que nós não os vemos. Por isso, se nós não nos educamos a essa genialidade humana, para usar as palavras do capítulo oitavo, não é que não aconteçam fatos, acontecem mil deles – mil! –, mas nós não os vemos e, portanto, não sentimos toda a potência da companhia de Cristo que constantemente nos desperta e nos lança a essa colaboração. E dizemos: o que mais posso fazer? Mas é empolgante para o homem começar a descobrir o desejo de colocar as mãos na massa para colaborar! O sinal de que O reconhecemos é o desejo de colaborar! Não, como todos, que sonham em não fazer nada e se aposentar o quanto antes! Isso diz até que ponto a presença de Cristo não nos escancara mais, não nos lança, não sustenta a vontade de nos levantarmos pela manhã para ver onde O encontraremos. Não há esse mistério (do qual falava o rapaz citado na primeira colocação desta noite) de perceber esta manhã onde O descobrirei, como virá ao meu encontro. Para nós, normalmente o problema é: o que eu devo fazer? Ao contrário, a pergunta é: onde vai aparecer? Onde virá ao meu encontro? Onde me despertará? “Ei, você se dá conta de que estou aqui e não está sozinho com o seu nada?”.

Colocação: *Tenho uma pergunta para fazer. Pode parecer teórica, mas espero que dê para entender a minha urgência cotidiana. A Escola de Comunidade diz, no capítulo nove, no ponto três: “O mistério da Encarnação estabelece o método que Deus considerou oportuno usar para ajudar o homem a chegar até Ele [...]. Deus salva o homem através do homem”. E diz: “responde magnificamente [este método]: à natureza do homem, que é repleta de necessidade de sensibilidade” (p. 153). Nos meus dias eu busco o Seu rosto, quer dizer, aquele amor que me corresponde totalmente e que me permite ser eu mesma e, portanto, viver como protagonista, não na defensiva. Essa busca está se tornando cada vez mais urgente, aspira a uma concretude e carnalidade cada vez maiores. Isso se evidencia em uma grande expectativa em relação à companhia: procuro testemunhas, pessoas com quem compartilhar a vida, a quem perguntar sem meios termos: “O que aconteceu para você?”, ou: “Como a Escola de Comunidade incidiu hoje no seu dia?”, isto é, o caminho que você nos propõe. Para mim, não é suficiente o dia da Escola de Comunidade ou da caritativa para que isso aconteça. Porém, normalmente percebo como a busca de uma companhia verdadeira se depara com o meu limite (por exemplo, não tenho coragem de expor completamente as questões que me preocupam e há também o limite dos outros; muitas vezes estamos juntos, mas não nos olhamos no rosto, somos superficiais), deixando em mim uma ferida que me leva a renunciar a esse nível de relacionamento. Isso parece um “menos” no encontro*

cotidiano com Ele. Então, como posso distinguir o Senhor sem continuamente me redescobrir apoiada em alguém ou em algo que nunca será completamente correspondente? E como posso permanecer livre do modo humano com o qual Ele me alcança nas coisas cotidianas concretas?

Carrón: A próxima colocação responde a isso.

Colocação: *A pergunta “Quem é Jesus?”, que você tem feito constantemente nos últimos meses, me provocou muito, sobretudo porque me questiona em relação à verdade da minha experiência, e faz com que eu me pergunte em que pontos efetivamente cresci, onde dei passos, descobrindo melhor quem eu sou. No mês passado fui a um Congresso com um professor meu e duas amigas, uma das quais não é do Movimento. Uma noite, fomos jantar na casa de alguns amigos que moram naquela cidade, que são do Movimento, e eu estava um pouco preocupada porque havia essa menina conosco e sinceramente não sabia bem o que fazer. A um certo ponto, durante o jantar começamos a discutir sobre o aborto. A minha colega que não é do Movimento não tinha a mesma opinião que a minha e a dos outros, mas o que me impressionou é que percebi que eu não fiquei defendendo a minha posição, como normalmente acontece, mas comecei a falar do que é realmente verdadeiro para mim, partindo de um juízo claro sobre um bem que vi na minha vida e que me leva a afirmar que a vida, para mim, é sagrada pelo simples fato de que não sou eu quem a dá a mim. Na noite seguinte, saímos de novo para beber uma cerveja com esses nossos amigos. Num determinado momento, estávamos conversando e essa menina me disse: “Sabe que eu quase não tenho vontade voltar à casa dos meus amigos? O modo como vocês são amigos, me impressiona”. Depois dessa noite, fiquei cheia dessa pergunta: o que está me tomando? O que está agarrando a minha vida a tal ponto de me tornar tão audaz, eu, que não sou assim? E me veio essa resposta: que, naquela noite, voltei a ter consciência de que, em última instância, o que me constitui é o relacionamento com Cristo. Isso me tocou muito, porque me fez repensar em tudo o que este ano foi para mim até agora. Percebi que muitas vezes disse sim a tantas coisas que me foram propostas porque eu via um fascínio nas pessoas que as me propunham, via que elas eram felizes e eu queria ser feliz. Porém, muitas vezes parava nesse sentimento, sem ir além, e, depois, ele já não era mais suficiente. Porém, eu desejava ser como aquelas pessoas e isso me levou a me perguntar cada vez mais insistentemente o quê e quem as torna assim. E, para mim, isso foi impressionante, porque começou um relacionamento, um relacionamento com uma Presença verdadeira na vida, na realidade que, se interpelada, responde, e responde das maneiras mais impensadas como, por exemplo, através dessa minha colega de curso. Porém, isso me tocou muito, porque muitas vezes começo o dia com a ideia de que Cristo deve me tomar aqui, aqui, aqui e aqui; mas Ele me toma das maneiras mais inesperadas. A realidade não mudou, a realidade continua a mesma, é uma questão de consciência, de onde eu me apoio.*

Colocação: *Lendo o capítulo nove, percebi em mim todas as objeções e todas as resistências que estão descritas ali. Fiquei contente com isso, porque com o trabalho que você nos propõe fazer percebo que estou considerando menos óbvio aquilo que nos dizemos. No meu grupo de Escola de Comunidade nestes anos não tentamos fechar com a resposta certa aquilo que se vivia, mas era pedido continuamente para não considerarmos óbvio aquilo que nos acontecia e para personalizar aquilo que acontece. Já tinha lido esse capítulo muitas vezes, no entanto lembro-me perfeitamente que no passado, não percebia as objeções que ele descreve, sentia como se tudo estivesse certo. Agora, porém, percebo toda a minha resistência. Parei no título do livro, e me perguntei: o que é a pretensão? É Deus que está, de fato, no centro da minha vida. Mas, enquanto digo isso, a instintiva resistência aparece sem que eu possa fazer nada. Finalmente, porém, a percebo e olho para ela. Uma pergunta que insiste em voltar é: quando se diz “no caso d’Ele, operar prodígios respondia a uma urgência ética, constituía um chamado de atenção de ordem moral e realizava uma educação ideal” (p. 148), o que significa? Significa, por acaso, que o Seu operar milagres responde à nossa natureza, nos diz que somos Seus, que não podemos fazer nada sem Ele? Nesse sentido, entendo mais o capítulo oitavo: qual é a nossa natureza, se não de ser Seus? Estou vendo, de fato, que o milagre é a realidade que pouco a pouco se torna Sua e, por isso, é cada vez mais minha. Por*

exemplo, nos relacionamentos com os alunos que estão na minha classe, normalmente a aula torna-se uma possibilidade – para quem quer – de se abrir e confidenciar o peso que cada um vive. E fica cada vez mais claro para mim que se não levamos em consideração pelo menos como hipótese que somos Seus, a vida é um verdadeiro inferno.

Carrón: Encerramos fazendo uma ligação entre essas três colocações. “Como posso permanecer livre do modo humano com o qual Ele me alcança nas coisas cotidianas concretas?”. Estão vendo? Muitas vezes, buscamos uma concretude carnal, histórica, mas essa concretude, à vezes, não basta, a pessoa precisa de algo mais e pensa que a questão seja como se libertar do modo humano com o qual Ele a alcança. Amiga, não é possível, porque nos alcança sempre de um modo humano! O problema é aquilo que dizia nossa amiga sobre a colega que não é do Movimento, quer dizer, que a pessoa não pare naquele modo humano, dependendo apenas do modo humano, mas que cada modo humano introduza àquele relacionamento. Por quê? Porque isso, como ouvimos, é a concepção verdadeira do seguimento: seguir – conforme aprendemos – é fazer a experiência que vemos os outros fazerem, que se torna cada vez mais nossa. Não é possível fazê-la sem o relacionamento com alguém, assim como não se pode aprender matemática sem o relacionamento com alguém; mas depois as coisas se tornam cada vez mais suas. Isso não significa que, num determinado momento, não precisamos mais do relacionamento; sempre precisaremos dele porque, como vocês veem, a possibilidade que temos de reduzir Cristo segundo a mentalidade comum é assustadora, por isso, sempre teremos essa necessidade. De fato – dissemos em outras ocasiões – sempre precisaremos do Papa, de um ponto histórico, na história, que nos assegure a verdade, senão estaríamos na confusão como todos. Isso nos permite fazer uma experiência verdadeira de seguimento, é um início de relacionamento com uma Presença que responde cada vez mais a todas as solicitações. E como responde? Como dizia a última colocação: através do milagre, através da beleza que Ele coloca diante de nós, porque quando encontramos alguém, uma testemunha, para usar a palavra que vocês usaram, que é um prodígio, um chamado de atenção, a gente diz: eu quero viver como ele! Qual é o milagre maior? Ver uma criatura nova na realidade, não apenas que alguém veja sua perna curada: uma criatura nova que em meio a todo caos, a toda confusão, a toda redução, testemunha a vitória de Cristo na sua humanidade. Esse é o maior chamado de atenção que Cristo pode nos fazer. E este é o método da Encarnação do qual fala todo o capítulo nono. Cristo vem ao nosso encontro através do método mais adequado a nós: uma presença humana aqui e agora, à qual a pessoa não pode se subtrair se não quer perder o melhor do que aconteceu. Por que estamos aqui? Por que estamos aqui, quando muitos perderam a vontade, o interesse de ser cristãos? Somente porque encontramos uma personalidade, uma “criatura nova” – podemos dizer com as palavras de São Paulo – que nos fascinou, que se chama Dom Giussani, através de quem nos veio uma vontade louca de não perdermos aquilo que vimos nele; foi o chamado mais potente que recebemos em nossa vida. Não foi um chamado de atenção acima de tudo moralista, foi uma atração à qual não pudemos resistir. E este será sempre o cristianismo, do início ao fim do mundo.

Avisos:

A próxima Escola de Comunidade [com Carrón] acontecerá quarta-feira, 30 de abril, às 21h30. Trabalharemos o texto da Introdução dos próximos Exercícios da Fraternidade.

Os Exercícios da Fraternidade são um gesto e, portanto, além das palestras e da assembleia, são também silêncio, canto, oração, atenção ao outro. Participando de um gesto como este, podemos reduzi-lo, como reduzimos a Escola de Comunidade: cada um escolhe, dentro do próprio critério, do que participar ou o que seguir de todo o pacote! E quando algo do pacote não nos convém, decidimos fazer outra coisa. Só é possível realizar um gesto como este, como digo sempre, com a colaboração de todos. Mas é mais do que a “organização” de um gesto grande, é a consciência com a qual participamos. Se não vamos como mendicantes e não começamos já, a partir de agora, a rezar – a rezar! – pelos Exercícios, pela disposição de cada um, para que possamos estar abertos à modalidade com a qual o Senhor nos chamará, para que me dê, a mim que preciso pregá-lo, a luz para falar da maneira mais adequada às necessidades de vocês, se não nos apoiamos mutuamente,

que gesto é esse? Não é uma organização para que se faça uma *palestra* e tudo funcione. Seria negar a complexidade da história humana que vimos descrita no capítulo oitavo, como se bastasse a habitual organização de CL. De maneira alguma! Não é que, no fim, Cristo tenha errado: precisava fazer uma boa organização, mas esqueceu de algumas coisas e precisou morrer na cruz. Quem esqueceu alguma coisa? Ele ou nós, por reduzirmos o drama da vida a uma banalidade? Se não vamos a um gesto como esse com a consciência da nossa necessidade e do que vamos pedir, mendigar, suplicar, não aproveitaremos tudo o que o Senhor poderá nos dar. Por isso, disponibilizemo-nos a vivê-lo na sua totalidade para que se torne incisivo em nossa vida.

Documento de CL por ocasião das eleições europeias. Está à disposição no site (www.clonline.org), o panfleto intitulado “É possível um novo início?” que preparamos, com um juízo de CL, em vista das Eleições europeias, porque nos parece uma ocasião precisa para dizer a todos – não só na Itália, e por isso o ofereceremos também a todos os nossos amigos nos países europeus onde o Movimento está presente – onde se apoia a nossa esperança para uma ação civil e o que sustenta a dificuldade de uma reconstrução.

Está à disposição o **Cartaz de Páscoa**, que traz uma belíssima imagem dos afrescos de Giotto da Capela Scrovegni e dois textos, um do Papa Francisco e outro de Dom Giussani.

“Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”. Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam. É o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem, convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não. O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar Tateando. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. (Papa Francisco)

Pela minha formação na família e no seminário, primeiro; posteriormente pela minha meditação, estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário. Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida e, portanto – este “portanto” é importante para mim –, demonstrar a racionalidade da fé, implica um conceito preciso de racionalidade. Dizer que a fé exalta a racionalidade quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais e originais do coração de todo homem. Por isso, dar a razão da fé significa descrever sempre mais, sempre mais amplamente, sempre mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja na sua autenticidade, aquela cuja “sentinela” é o Papa de Roma. (Luigi Giussani).

Como sabemos, o Cartaz não é apenas para ser colocado em nosso quarto, mas é para um gesto missionário, porque são muitos aqueles que esperam tocar a ponta do manto.

Veni Sancte Spiritus